



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

### Dados de inflação e atividade movimentam a semana no Brasil e nos EUA. No setor bancário, semana traz últimos balanços do 2T25 do setor.

- As atenções da semana estarão voltadas para o resultado do IPCA de julho, que deve mostrar novos sinais de alguma melhora.** O índice será divulgado pelo IBGE na terça (12), com o mercado projetando alta de 0,36% no mês. O indicador deve ser pressionado por itens pontuais e voláteis, como energia elétrica e passagens aéreas, refletindo reajustes tarifários e o aumento da demanda no período de férias. Por outro lado, os preços dos alimentos no domicílio devem seguir em acomodação, beneficiados pela sazonalidade favorável e queda dos preços das *commodities*, enquanto os combustíveis devem seguir contidos pelas reduções de preços promovidas pela Petrobras. No acumulado em 12 meses, o indicador deve ficar praticamente estável, em 5,34% (ante 5,35%). A melhora recente da inflação tem se concentrado nos preços dos alimentos e bens industriais. Com isso, os agentes estarão atentos a possíveis sinais de desaceleração também na inflação de serviços, mais sensível à demanda interna e com peso relevante para a condução da política monetária.
- O mercado também acompanha os números de junho do varejo e do setor de serviços, que devem reforçar os sinais de arrefecimento da economia no 2º trimestre.** O IBGE divulga o resultado das vendas no varejo na quarta (13) e do setor de serviços na quinta (14). Para o varejo (ampliado), a expectativa é de ligeira alta de 0,2% no mês. Ainda assim, o setor deve fechar o 2º trimestre com retração de 0,6% na margem, revertendo parte da alta observada no trimestre anterior (+1,5%) e confirmando os sinais de desaceleração do setor no período. Já o setor de serviços deve apresentar ligeira queda (-0,1%) no mês, após 4 meses em expansão. Com isso, o setor ainda deve fechar o 2º trimestre com crescimento, de 0,9%, embora também com sinais de moderação.
- Na agenda corporativa, a semana praticamente encerra a rodada de divulgação dos balanços dos bancos de capital aberto referentes ao 2º trimestre de 2025.** Além do Banco Pan, que divulgou seu balanço hoje (11) cedo, a semana traz os números do ABC Brasil e do BTG Pactual amanhã (12), do Pine na quarta (13) e do Banco do Brasil, Nubank, Banrisul e BMG na quinta (14). No caso do Banco do Brasil, o consenso dos analistas consultados pela Bloomberg projeta um lucro líquido de R\$ 5,0 bi no trimestre, que representa uma queda de 32% no trimestre e de 47% ante o mesmo período de 2024. O banco tem sofrido com o aumento da inadimplência e dos pedidos de recuperação judicial no setor agropecuário, que tem pressionado os gastos com PDD da instituição. O quadro da próxima página traz as datas e estimativas dos analistas para o lucro líquido das instituições.
- No âmbito internacional, as atenções se voltam para os EUA, onde serão divulgados dados de inflação e atividade de julho, que podem consolidar as apostas de que o Fed deve reduzir os juros em sua próxima reunião.** Na terça (12), será divulgada a inflação ao consumidor (CPI), com o consenso estimando alta de 0,2% no mês, acumulando 2,8% em 12 meses (ante +2,7%), enquanto o núcleo (sem alimentos combustíveis) deve ficar em 3,0% (ante 2,9%). Na quinta (14), será divulgada a inflação ao produtor (PPI). Vale notar que as “tarifas recíprocas” começaram a valer agora em agosto, enquanto os dados são referentes a julho. Assim, a tendência é que o indicador ainda não capte o efeito potencial das tarifas sobre os preços.
- Quanto à atividade americana, os dados de julho do varejo e da indústria serão divulgados na sexta (15).** Os analistas esperam que o varejo cresça 0,5% no mês, após 2 meses em queda, enquanto a indústria deve ficar estável. No mesmo dia, o mercado conhecerá a prévia da confiança do consumidor (Univ. Michigan) para o mês de agosto. No geral, os dados devem manter a percepção de que a economia dos EUA está em desaceleração, como observado nos últimos dados do mercado de trabalho, fato que pode levar o Fed a reduzir os juros já na reunião de setembro (dia 17).
- Na China, também serão divulgados dados de atividade de julho, que não devem mostrar grande alteração na dinâmica da atividade no país, apesar das incertezas no ambiente internacional.** No caso da indústria, a expectativa é de alta de 6,0% (ante jul/24), enquanto o varejo deve crescer 4,6%, em ambos os casos próximo ao observado em junho (6,8% e 4,8%, respectivamente). Os dados serão divulgados na quinta (14) à noite.



## INDICADORES DA SEMANA

### NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
12/ago	IBGE: IPCA	Jul/25	0,36% m/m 5,34% a/a	0,24% m/m 5,35% a/a
13/ago	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio (PMC)	Jun/25	0,2% m/m 0,8% a/a	0,3% m/m 1,1% a/a
14/ago	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Jun/25	-0,1% m/m 2,0% a/a	0,1% m/m 3,6% a/a
14/ago	BCB: Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito (PTC)	2º tri/25	-	-

Fonte: Bloomberg.

### Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 2T25

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 2T25 Em R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual
Pan	11/ago	249,6	20,1%	31,3%
ABC	12/ago	256,3	13,6%	2,5%
BTG Pactual	12/ago	3.658,3	14,0%	29,6%
Pine	13/ago	-	-	-
Banco do Brasil	14/ago	5.026,7	-31,8%	-47,1%
Nubank	14/ago	-	-	-
Banrisul	14/ago	260,3	7,8%	5,2%
BMG	14/ago	128,0	11,3%	21,9%
XP	18/ago	1.246,1	0,8%	11,5%

Fonte: Áreas de RI dos bancos e Bloomberg

### INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
12/ago	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jul/25	0,2% m/m 2,8% a/a	0,3% m/m 2,7% a/a
14/ago	Zona do Euro	Produção Industrial	Jun/25	-0,8% m/m	1,7% m/m
14/ago	Zona do Euro	PIB	2º tri/25 – 2ª leitura	0,1% t/t-1	0,6% t/t-1
14/ago	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Jul/25	0,2% m/m 2,5% a/a	0,0% m/m 2,3% a/a
14/ago	China	Produção Industrial	Jul/25	6,0% a/a	6,8% a/a
14/ago	China	Vendas no varejo	Jul/25	4,6% a/a	4,8% a/a
15/ago	EUA	Vendas no varejo	Jul/25	0,5% m/m	0,6% m/m
15/ago	EUA	Produção Industrial	Jul/25	0,0% m/m	0,3% m/m
15/ago	EUA	Confiança do consumidor (Univ. Michigan)	Ago/25 – prévia	62,0 pts	61,7 pts

Fonte: Bloomberg.



## ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

### Copom mantém cautela com inflação, enquanto Caged segue trazendo números positivos

O Comitê de Política Monetária (Copom) trouxe poucas novidades na Ata de sua última reunião, reforçando o tom de cautela, além de voltar a afirmar que a interrupção do ciclo de alta dos juros é apenas uma pausa.

Na avaliação do cenário externo, o Copom apontou que está mais incerto e adverso, em função da política fiscal e, em particular para o Brasil, a política comercial dos EUA. Embora tenha apontado que as tarifas tenham impactos setoriais relevantes, do ponto de vista macroeconômico, o Comitê afirmou que os efeitos ainda são incertos, ou seja, sem mencionar que podem ter um viés deflacionário na economia brasileira, pelo menos no curto prazo.

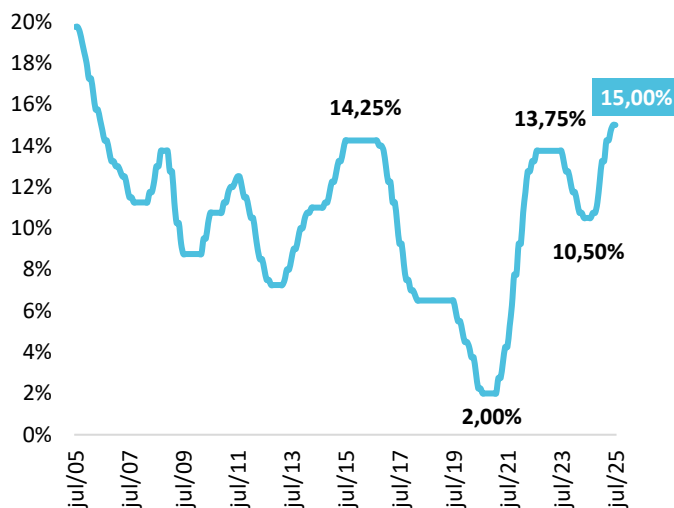
Quanto à atividade doméstica, o Copom afirmou que há uma certa moderação do crescimento, como observado nas pesquisas setoriais mensais e no mercado de crédito, que estaria apresentando uma moderação mais nítida. O Comitê indicou que observa recuo nas concessões de crédito livre, elevação nas taxas de juros e inadimplência, e que o consignado privado tem tido impacto menor do que o esperado. Por outro lado, o mercado de trabalho segue dinâmico, com ganhos reais acima da produtividade, dando suporte ao consumo. De toda forma, o Comitê avaliou que os sinais advindos da demanda e da atividade estão dentro do esperado e são compatíveis com a política monetária em curso.

Quanto à inflação, o Copom afirmou que o cenário seguiu apresentando surpresas baixistas no período recente, com menor inflação de bens industrializados e alimentos. Na outra direção, a inflação de serviços e as medidas de núcleo seguem acima da meta, apontando que a inflação segue pressionada pela demanda aquecida. Adicionalmente, enfatizou que os vetores inflacionários seguem adversos, com resiliência na atividade, pressões no mercado de trabalho, expectativas de inflação desancoradas e projeções de inflação elevadas.

Como estratégia de condução da política monetária, o Copom afirmou que “antecipa uma continuação na interrupção no ciclo de alta de juros” para examinar os impactos acumulados do ajuste já realizado e avaliar se o nível corrente dos juros, considerando a sua manutenção por período bastante prolongado, é suficiente para assegurar a convergência da inflação à meta.

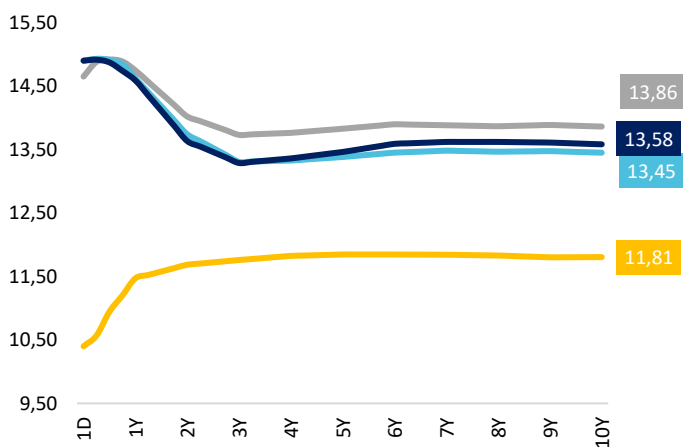
## INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 1: Taxa Selic (% aa)



Fonte: BCB

Quadro 2: Curva de Juros - % aa



Fonte: Bloomberg

Portanto, o Copom manteve um tom bastante cauteloso na Ata de última reunião, sem indicar o que precisa observar para decretar que o ciclo de alta dos juros, de fato, acabou. Além disso, também preferiu não apontar que as tarifas comerciais dos EUA podem ser um vetor deflacionário para a economia brasileira. Desta forma, o Copom parece querer evitar apostas no mercado de que poderia começar a reduzir a taxa Selic ainda neste ano.

**Em relação ao mercado de trabalho, após a taxa de desemprego (PNAD) atingir a mínima histórica em junho, os dados do setor formal (Caged) também vieram em tom positivo.** Foram criadas 166,6 mil vagas no mês, um pouco abaixo do esperado pelo mercado (177,3 mil) e do observado no mesmo mês no ano passado (206,3 mil), mas ainda em um bom patamar. Descontados os efeitos sazonais, a geração líquida foi de 115,7 mil vagas, ligeiramente abaixo do mês anterior (125 mil) e com leve desaceleração na média móvel (três meses), que atingiu 135,8 mil, ante pico de 158,1 mil em abril.

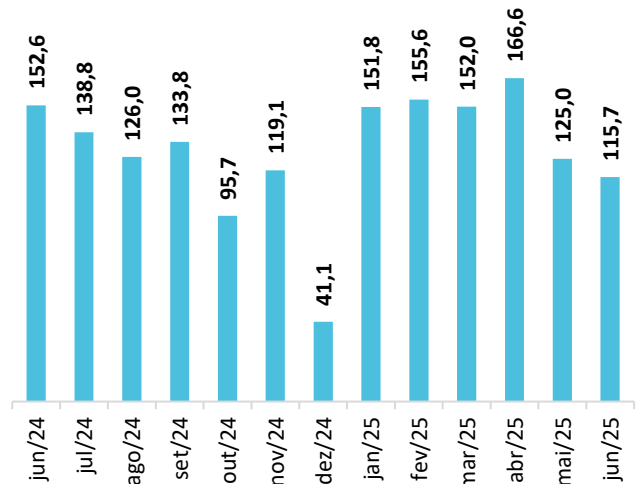
Todos os setores registraram saldo positivo no mês, liderado pelos serviços (77,0 mil). Porém, todos também mostraram números abaixo do observado no mesmo período de 2024. Além da continuidade do bom ritmo de geração de vagas, o salário médio real de admissão seguiu avançando (+1,3%). Com isso, no acumulado do ano, o Caged apontou geração de 1,22 milhão de vagas no mercado de trabalho formal, próximo ao observado nos últimos anos. Como comparação, no mesmo período de 2024 foram geradas 1,31 milhão de vagas.

No geral, ainda que com alguma incipiente moderação na margem, os números do setor formal seguem positivos, devendo fechar o ano com geração líquida acima de 1,0 milhão de vagas novamente, contribuindo para sustentar a expansão do consumo das famílias. Contudo, do ponto de vista da política monetária, a resiliência do mercado de trabalho reforça o tom de cautela do Copom e reduz a probabilidade de um início do ciclo de cortes de juros ainda em 2025.

**No comércio externo, a balança comercial registrou superávit de US\$ 7,1 bilhões em julho, acima das expectativas do mercado (US\$ 5,8 bi). De todo modo, o saldo seguiu abaixo do observado no mesmo período de 2024 (US\$ 7,6 bi).**

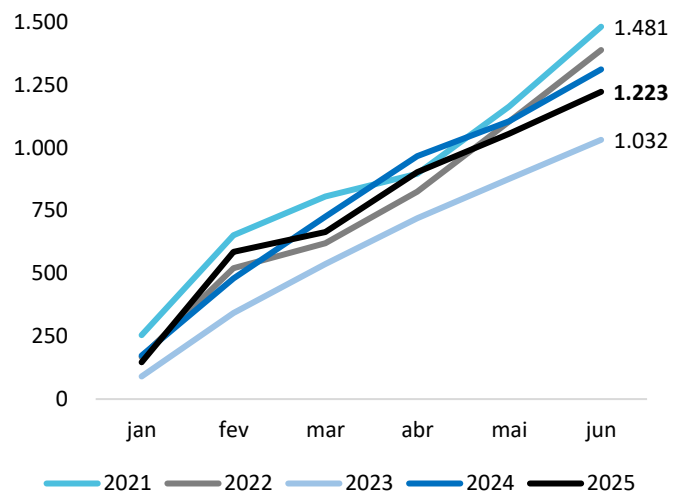
As exportações somaram US\$ 32,3 bi no mês, com alta de 4,8% ante julho de 2024, maior taxa expansão no ano. Chamou a atenção o fato de a média diária exportada na última semana do mês ter crescido 10,8% ante a média diária das primeiras semanas do mês, sugerindo que pode ter havido alguma antecipação das vendas para os EUA, diante da iminência da entrada em vigor das tarifas comerciais no país, explicando o resultado acima do esperado.

**Quadro 3: Geração Líquida de Vagas Formais**  
Em milhares – com ajuste sazonal\*



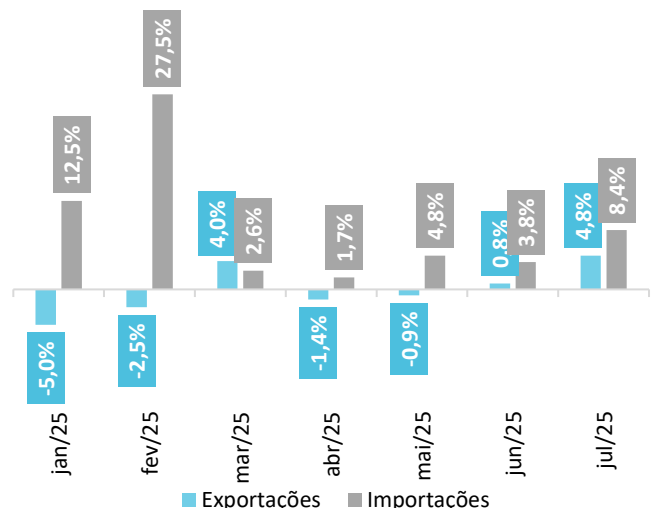
Fonte: Caged. \*Cálculo Febraban

**Quadro 4: Geração Líquida de Vagas Formais Acumulado – Em milhares**



Fonte: Caged

**Quadro 5: Exportações e Importações**  
Var.% ante o mesmo mês do ano anterior



Fonte: Secex/Mdic

O aumento das exportações foi liderado por itens industriais (+7,4%), com destaque para a carne bovina (+46,9%), item relevante na pauta exportadora para os EUA, o que corrobora com a percepção anterior.

Já as importações cresceram 8,4% na mesma base de comparação, acelerando ante o observado nos últimos meses, apontando que a demanda interna segue resiliente. O avanço foi liderado pelas compras de bens de capital (+13,4%) e intermediários (+10,8%).

No acumulado do ano, a balança comercial atingiu um superávit de US\$ 37,0 bi, ante US\$ 49,1 bi no mesmo período de 2024. Enquanto as exportações estão praticamente estáveis (+0,1%), as importações avançam 8,3%. No acumulado em 12 meses, o saldo atingiu US\$ 62,0 bi, menor valor desde mar/23 (US\$ 65,0 bi).

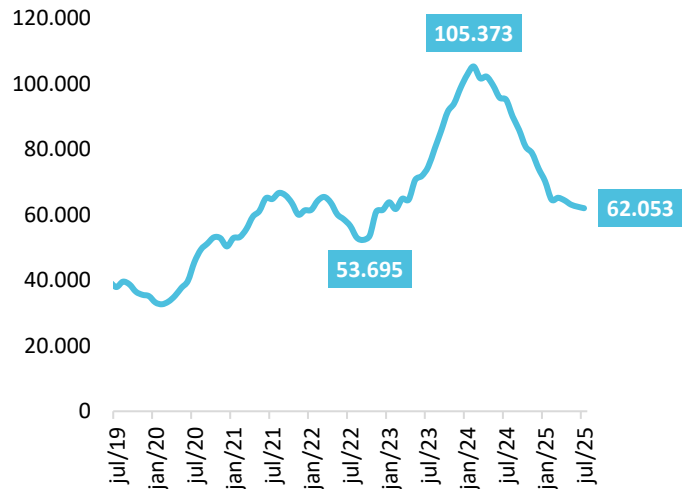
Portanto, o resultado de julho sugere ter havido alguma antecipação das vendas para os EUA, levando a um saldo acima do esperado. Contudo, a queda dos preços das principais *commodities* exportadas (minério de ferro, petróleo e soja), a imposição das tarifas comerciais pelos EUA agora a partir de agosto, aliado à resiliência da demanda interna, devem manter o saldo comercial em patamar inferior ao observado em 2024 (US\$ 74,2 bi).

**No campo inflacionário, o IGP-DI registrou deflação pelo terceiro mês consecutivo, mantendo a trajetória de acomodação dos preços no atacado.** Esse movimento tem sido favorecido pela descompressão do câmbio e pela queda nos preços de diversas *commodities* desde o início do ano. O índice recuou 0,07% em julho, queda menos intensa do que a observada em junho (-1,80%), refletindo uma suavização no recuo dos preços no atacado (IPA), que caíram 0,34% no mês (ante -2,72% em junho).

A menor queda no mês foi influenciada por uma reversão nos preços dos produtos industriais, que passaram de queda de 2,31% em junho para alta de 0,76% em julho, com o aumento do preço do minério de ferro no mês (5,37%, ante -6,96%). Por outro lado, os itens agropecuários (-3,42%) seguiram com uma deflação intensa no atacado, com destaque para o recuo dos preços da batata (-36,8%), café (-18,8%) e milho (-4,0%).

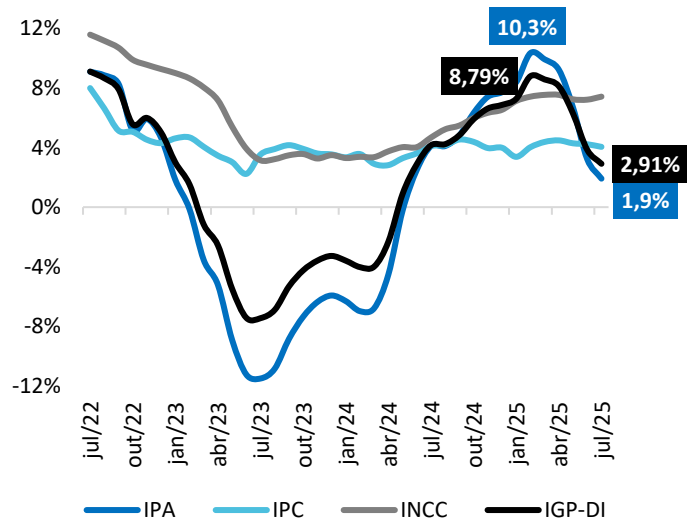
Em 12 meses, o IGP-DI, que chegou a acumular alta de quase 9% no início do ano (pico em fev/25), manteve trajetória de desaceleração, recuando para 2,91% em julho. O IPA, por sua vez, passou de 10,3% para 1,93% no mesmo período. A expectativa é de que a deflação dos preços no atacado siga contribuindo para a desaceleração da inflação para os consumidores ao longo do 2º semestre, especialmente de alimentos e bens industriais.

**Quadro 6: Balança Comercial – Saldo acumulado em 12 meses – Em US\$ mi**



Fonte: Secex/Mdic

**Quadro 7: IGP-DI e Aberturas Acumulado em 12 meses**



Fonte: FGV

## Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

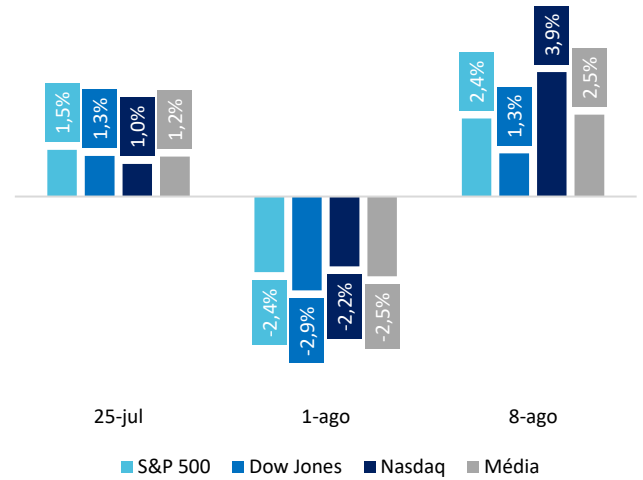
### Mercados se recuperam com expectativa de mais cortes de juros pelo Fed

Os ativos de risco apresentaram uma recuperação sustentada na semana, liderados por ações de gigantes de tecnologia como a Apple, que anunciou US\$ 100 bi em investimentos em infraestrutura nos EUA, para reduzir sua dependência da China. Contudo, o foco do mercado esteve nas movimentações em torno do Fed, que tem levado parte relevante do mercado a apostar que a instituição pode realizar três cortes de juros ainda neste ano (ou seja, 0,25 pp a cada reunião restante). Trump indicou Stephen Miran, presidente do Conselho Econômico da Casa Branca, para ocupar até jan/26 a vaga em uma diretoria da instituição deixada por Adriana Kugler, que renunciou ao cargo na semana anterior. Além disso, tem ganhado força o nome de Christopher Waller para ser escolhido como o próximo presidente do Fed. Waller, que já é membro do Colegiado, foi um dos dois votos a favor da redução dos *Fed Funds* em julho. O mandato de Powell se encerra apenas em mai/26, mas a percepção é que, caso seu substituto já seja escolhido, tende a tirar sua força do cargo. Vale lembrar que Trump tem seguidamente criticado Powell por não reduzir as taxas de juros no país. Por fim, outra notícia positiva na semana foi a aproximação entre os EUA e a Rússia em busca de um acordo sobre a guerra da Ucrânia. Tal fato reduziu em cerca de 5% o preço do petróleo (tipo *Brent*) na semana, que voltou a ser negociado próximo a US\$ 65/barril, menor nível em 2 meses.

Na China, o resultado da balança comercial de julho surpreendeu ao trazer números mais fortes do que o esperado. As exportações avançaram 7,2% (ante jun/24), superando o consenso (+5,5%) e registrando o melhor resultado desde abril. O número reflete certa trégua das tensões comerciais entre o país com os EUA, cujo prazo final de acordo entre os países, estipulado até 12 de agosto, deve ser novamente adiado. Assim, aparentemente as empresas chinesas têm aproveitado tal trégua para acelerar os embarques, inclusive para países do Sudeste Asiático, que reexportam produtos aos EUA. Já as importações cresceram 4,1%, também acima do esperado (-1,0%), anotando o melhor resultado em um ano (desde jul/24).

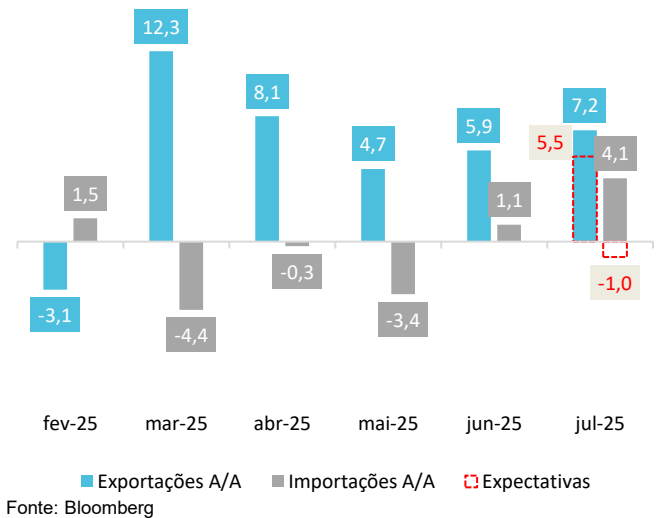
Nos EUA, o destaque ficou por conta da leitura do índice ISM do setor de serviços, que inesperadamente caiu para 50,1 pts (ante 50,8 pts), trazendo novos sinais de desaquecimento da atividade no país. Na Zona do Euro, o número final de julho do PMI de serviços apontou que o indicador atingiu 51,0 pts, com leve alta ante junho (50,5 pts), sinalizando uma recuperação, ainda que lenta, da atividade no continente.

**Quadro 8: EUA – Principais Índices de Ações**  
Var. % semanal



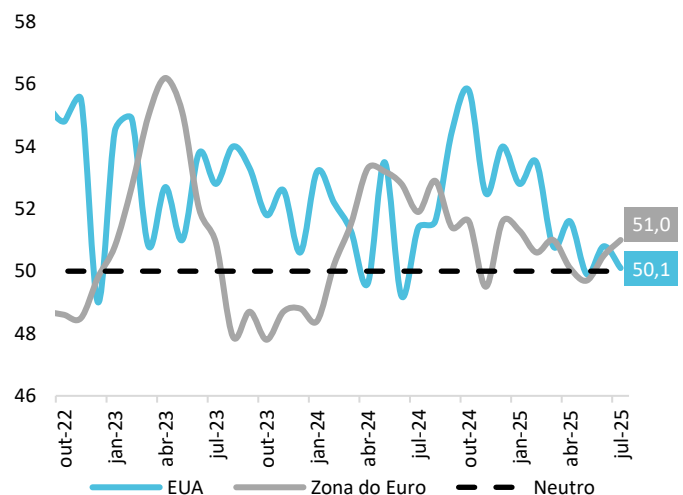
Fonte: Bloomberg

**Quadro 9: China – Exportações e Importações**  
Var. % ante mesmo mês do ano anterior



Fonte: Bloomberg

**Quadro 10: EUA e Zona do Euro – ISM/PMI de Serviços - Em pontos**



Fonte: Bloomberg

## Resultado Corporativo 2º Tri/25 Itaú Unibanco

## CRÉDITO / BANCOS

O Itaú Unibanco registrou lucro líquido gerencial de R\$ 11,5 bilhões no 2º trimestre de 2025, equivalente a uma alta de 3,4% no trimestre e de 14,3% na comparação com o 2T24, pouco acima do esperado (R\$ 11,4 bi). Vale destacar que o resultado contou com uma provisão extraordinária para reestruturação, de R\$ 556 mi. Caso contrário, o resultado chegaria a R\$ 12,0 bi no trimestre. A rentabilidade patrimonial (ROE) do banco atingiu 23,3%, renovando o maior nível desde o 4T19 (23,7%), com altas de 0,8 pp e 0,9 pp ante o 1T25 e 2T24, nesta ordem.

Na comparação anual, a melhora do resultado refletiu o avanço da margem financeira (+12,7%), impulsionada pelo aumento da margem com clientes (+15,4%), com avanço do volume de crédito. Ao mesmo tempo, a instituição manteve controlado o custo do crédito/PDD (+3,2%), em função da manutenção de níveis bastante saudáveis de inadimplência.

No comparativo com o trimestre anterior, a margem financeira avançou 2,8%, com alta de 3,1% da margem com clientes, em função do aumento do volume de crédito e um *mix* de produtos mais rentável, parcialmente compensado pelo recuo da margem com o mercado (-7,1%). As receitas de serviços e seguros avançaram 2,5%, com destaque para administração de fundos (+17,4%) e seguros (+8,8%). Do lado das despesas, o custo do crédito cresceu 1,3%, com alta de 1,8% da despesa de perda esperada, puxada pelas operações do Atacado e compensada, em parte, pela queda da perda esperada no Varejo. Já as despesas não decorrentes de juros subiram 4,4%, mantendo o índice de eficiência (quanto menor, melhor) estável em 38,8%.

A carteira de crédito ampliada do Itaú cresceu 7,3% em 12 meses, atingindo R\$ 1,389 tri. Excluindo o efeito cambial sobre a carteira da América Latina e de grandes empresas, a alta foi de 7,7%. A expansão foi puxada pelo crédito destinado às empresas (+8,9%), liderado pela carteira de MPMEs (+13,1%), diante do forte crescimento da linha de programas governamentais (+20,0%). Já o avanço da carteira de grandes empresas foi mais contido (+6,4%). No caso da carteira PF (+8,0%), o crescimento foi liderado pelo crédito imobiliário (+17,2%) e o cartão de crédito (+7,7%). Por outro lado, a carteira de crédito consignado recuou 1,6% em meio ao baixo teto dos juros e bloqueio temporário de novos contratos do segmento destinado ao INSS.

A inadimplência total (acima de 90 dias) do banco ficou estável em 1,9% da carteira no trimestre. A partir desta divulgação, o banco passou a incorporar a carteira de TVMs em seu indicador, seguindo o novo padrão contábil adotado na Resolução CMN 4.966. No conceito antigo (ou seja, sem TVMs), o índice também ficou estável, em 2,3%. A estabilidade do indicador foi disseminada entre os principais segmentos: PF (3,6%), MPMEs (1,8%) e grandes empresas (0,1%).

Por fim, o banco revisou seu *guidance*, projetando uma expansão maior da margem com clientes, agora entre 11,0% e 14,0% (ante 7,5% e 11,5%), em função dos números mais positivos registrados no 1º semestre. Com isso, também foi ajustada a expectativa da alíquota efetiva de imposto de renda.

**Quadro 11: Resultado 2T25 – Itaú Unibanco**

Itaú Unibanco - R\$ Mi	2T24	1T25	2T25	Var. %	
				Tri	Anual
<b>ITENS PATRIMONIAIS</b>					
Ativo Total	2.931.995	2.820.926	<b>2.898.050</b>	2,7%	-1,2%
TVM	1.092.080	1.151.985	<b>1.172.326</b>	1,8%	7,3%
Depósitos	1.017.165	1.019.413	<b>1.019.760</b>	0,0%	0,3%
Patrimônio Líquido	191.988	202.623	<b>209.552</b>	3,4%	9,1%
<b>DRE</b>					
Margem Financeira Gerencial	27.665	30.322	<b>31.177</b>	2,8%	12,7%
Margem com Clientes	26.263	29.399	<b>30.320</b>	3,1%	15,4%
Margem com o Mercado	1.402	923	<b>858</b>	-7,1%	-38,8%
Despesa de Perda Esperada	-9.462	-9.494	<b>-9.664</b>	1,8%	2,1%
Receitas de prestação de serviços	11.333	11.232	<b>11.343</b>	1,0%	0,1%
Operações com Seg., Prev. e Cap.	2.400	2.588	<b>2.816</b>	8,8%	17,3%
Despesas não Decorrentes de Juros	-15.069	-15.796	<b>-16.492</b>	4,4%	9,4%
IR/CSLL	-4.572	-5.259	<b>-5.151</b>	-2,0%	12,7%
Lucro/Prejuízo do período <sup>1</sup>	10.072	11.128	<b>11.508</b>	3,4%	14,3%
<b>RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE<sup>2</sup></b>					
ROAE	22,4%	22,5%	<b>23,3%</b>	0,8 pp	0,9 pp
ROAA	1,4%	1,5%	<b>1,6%</b>	0,1 pp	0,2 pp
Índice de eficiência	38,8%	38,1%	<b>38,8%</b>	0,7 pp	0,0 pp
<b>CRÉDITO</b>					
Carteira de crédito ampliada <sup>3</sup>	1.294.695	1.383.097	<b>1.389.076</b>	0,4%	7,3%
PF	418.286	448.810	<b>451.905</b>	0,7%	8,0%
PJ	649.047	698.490	<b>706.777</b>	1,2%	8,9%
Estoque de PDD p/ operações de crédito	-51.461	-53.514	<b>-52.749</b>	-1,4%	2,5%
Despesa PDD/Carteira de crédito	0,7%	0,7%	<b>0,7%</b>	0,0 pp	0,0 pp
Saldo de PDD/Carteira de crédito	4,0%	3,9%	<b>3,8%</b>	-0,1 pp	-0,2 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	-	1,9%	<b>1,9%</b>	0,0 pp	-0,8 pp
Índice de Basileia	16,6%	15,7%	<b>16,5%</b>	0,8 pp	-0,1 pp
Provisão Estágio 3 / Carteira Estágio 3	-	56,1%	<b>55,8%</b>	-0,3 pp	-

Fonte: Itaú RI. Elaboração: FEBRABAN. <sup>1</sup> Lucro Líquido Ajustado Gerencial <sup>2</sup> Anualizado <sup>3</sup> Inclui outras operações com risco de crédito (debêntures, CRI, *commercial papers*, etc.) e unidades da América Latina.

## Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Jul/25

Os dados de julho da caderneta de poupança voltaram a indicar saída de recursos da modalidade, com os saques superando os depósitos em R\$ 6,3 bilhões, segundo o Banco Central do Brasil (BCB). O número é pior do que o registrado em julho de 2024 (R\$ -1,0 bi, com dados já ajustados pelo IPCA).

Após captações líquidas ligeiramente positivas em maio e junho, beneficiadas pelo adiantamento do 13º salário para os aposentados e pensionistas do INSS, a modalidade voltou a mostrar perda de recursos em julho, mantendo a tendência estrutural de migração de recursos para investimentos mais rentáveis como depósitos à prazo e letras de crédito, além, claro, da utilização dos recursos pelas famílias que possuem maior comprometimento de renda com dívidas.

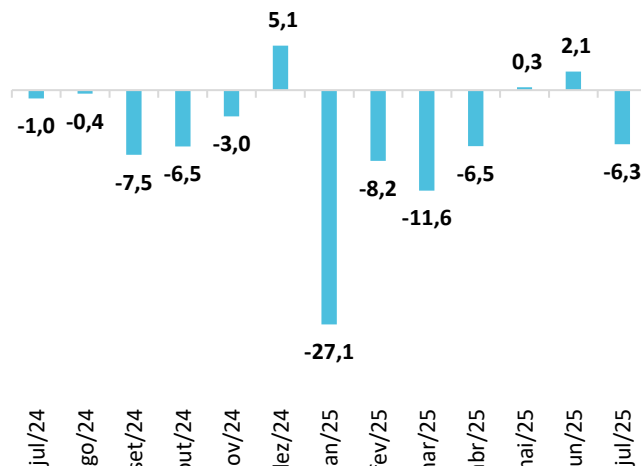
No acumulado do ano, os saques superaram os depósitos na caderneta de poupança em R\$ 57,1 bi (ou -0,45% do PIB). O valor é pior do que o registrado no mesmo período do ano passado (R\$ -4,4 bi; -0,03% do PIB), mas ainda um pouco melhor do que o observado no mesmo período de 2022 e 2023, -0,66% do PIB nos dois casos.

O saldo da caderneta de poupança atingiu R\$ 1,020 tri, praticamente estável desde o fim do ano passado (-4,4% em termos reais). Em proporção ao PIB, o saldo representa 8,3%, patamar próximo ao final de 2007. A queda tem se dado em maior intensidade na poupança do tipo SBPE (destinada para o financiamento imobiliário), que desde seu pico em dezembro de 2020, já caiu 40% nesta métrica, de 10,5% para 6,2% do PIB. A poupança rural representa 2,1% do PIB (ou 25% do total).

Em suma, o Relatório de Poupança mostrou que o produto segue perdendo recursos, movimento que é intensificado pelo elevado nível atual da taxa Selic. Dado os seus impactos para a disponibilidade de recursos para o crédito imobiliário, o Banco Central tem discutido uma proposta de reformulação do uso dos recursos da caderneta de poupança para a linha de crédito. Segundo informações da imprensa, a proposta prevê o uso de fontes de mercado (LCI, por exemplo) como *funding* da linha, enquanto os recursos da poupança seriam utilizados para equalizar as taxas de juros. Com isso, não haveria mais direcionamento de recursos e compulsório na modalidade. A expectativa é que tal medida possa elevar a relação crédito imobiliário/PIB na economia brasileira em uma perspectiva de médio/longo prazo. De toda forma, a proposta ainda está em discussão e seus efeitos sobre a economia ainda precisam ser melhor avaliados.

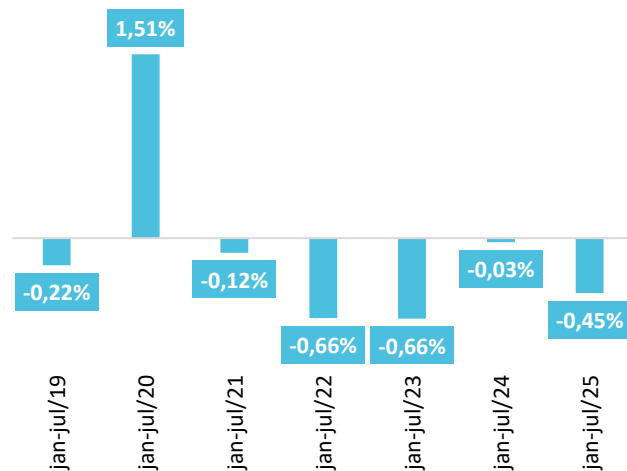
## CRÉDITO / BANCOS

Quadro 12: Captação Mensal Líquida da Caderneta de Poupança - Em R\$ bi, ajustado pelo IPCA\*



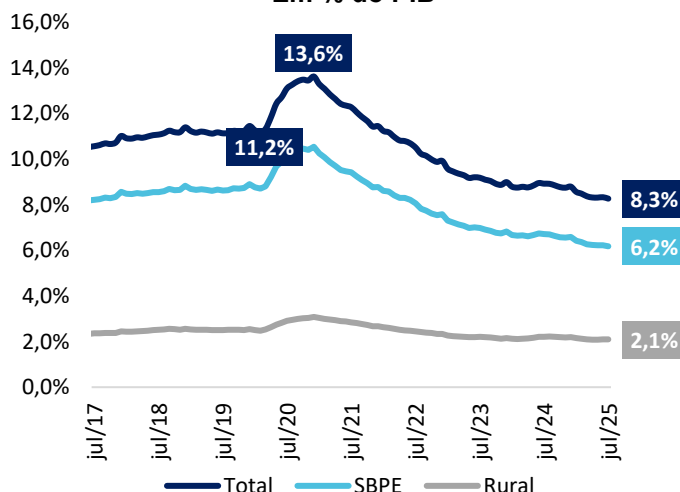
Fonte: Bacen. \*Boletim Focus.

Quadro 13: Captação Líquida da Caderneta de Poupança – Acum. Janeiro a Julho - Em % do PIB



Fonte: Bacen.

Quadro 14: Saldo da Caderneta de Poupança Em % do PIB



Fonte: Bacen.





## MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2025				2026			
	08/08/25	01/08/25	11/07/25	Viés	08/08/25	01/08/25	11/07/25	Viés
IPCA (%)	5,05	5,07	5,17	▼	4,41	4,43	4,50	▼
PIB (% de crescimento)	2,21	2,23	2,23	▼	1,87	1,88	1,89	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	15,00	15,00	15,00	↔	12,50	12,50	12,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,60	5,60	5,65	↔	5,70	5,70	5,70	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	08/08/25	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
<b>NACIONAL</b>					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,43	-1,94%	-2,96%	-12,03%	-3,53%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	142,54	-6,04%	-4,79%	-33,70%	-17,44%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,91	0,01%	0,01%	21,03%	43,12%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	14,57	-0,46%	-1,21%	-5,46%	28,74%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,45	-1,27%	-1,97%	-13,75%	13,71%
Índice Ibovespa (em pontos)	135.913,25	2,62%	2,14%	12,99%	6,59%
IFNC (setor financeiro)	14.713,17	3,54%	2,35%	24,38%	14,16%
<b>INTERNACIONAL</b>					
Fed Funds (% a.a.)	4,50	0,00%	0,00%	0,00%	-18,18%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,76	2,19%	-4,92%	-11,30%	-6,83%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,28	1,59%	-2,08%	-5,51%	7,40%
Dollar Index	98,27	-0,88%	-1,70%	-9,12%	-4,79%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.389,45	2,43%	0,79%	8,17%	20,12%
Índice de ações de bancos – EUA	114,85	1,26%	-0,85%	-4,37%	7,66%
Índice Euro Stoxx 50	5.347,74	3,53%	0,52%	9,83%	14,54%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	228,97	7,86%	4,20%	57,53%	73,08%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	66,20	-4,98%	-8,73%	-11,01%	-16,37%

Fonte: Bloomberg.

**Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos**  
[economia@febraban.org.br](mailto:economia@febraban.org.br)

Rubens Sardenberg  
 Jayme Alves  
 Luiz Fernando Castelli  
 Daniel Casula  
 João Vítor Siqueira